

XI Congresso Latinoamericano de Ciencia Política

Mesa 28 – Movilización social y protestas em los movimientos de derecha (MSC)

Entre movimentos e regimes: as mudanças recentes na democracia brasileira e seus principais atores

**Vinícius Sturari
(UNICAMP)**

Entre movimentos e regimes: as mudanças recentes na democracia brasileira e seus principais atores¹

Vinícius Sturari²

Resumo

As democracias ao redor do mundo estão sob constante transformação, principalmente nos últimos anos, com o crescimento de novas direitas e novos populismos. A literatura aponta para uma crise da democracia liberal, em parte como resposta às transformações das últimas décadas e em parte como ataques de novos líderes autoritários. O objetivo desse paper é olhar para as transformações recentes do cenário democrático brasileiro desde as grandes manifestações de 2013, conhecidas como Jornadas de Junho, e o período atual de pandemia e uma desastrosa atuação do governo federal, e discutir a atuação de novos movimentos no processo de desdemocratização ou retrocesso democrático em curso. Foram selecionados para isso três movimentos, expoentes das novas direitas brasileiras, Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua e Brasil 200, e, através da análise de enquadramentos, queremos trazer luz ao projeto que eles representam, sua atuação e a construção de significados que desses movimentos sobre a sociedade brasileira e a política nacional da última década.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Novas Direitas; Desdemocratização

Introdução

Grande parte da literatura recente sobre democracia fala que as democracias ao redor do mundo estão em crise, pelo menos o modelo liberal dela. Essa crise é multifacetada, passa pela desconfiança aos políticos e às instituições, em uma crise de representação, e vai até a emergência dos novos populistas com discursos de ódio, usos de Fake News, discurso nacionalista e *antiestablishment* (RUNCIMAN, 2018; LEVITSKY E ZIBLATT, 2018; CASTELLS, 2018; MOUNK, 2019; APPADURAI, 2019; PRZEWORSKI, 2020).

As transformações sociais e culturais das últimas décadas, junto com a crise econômica, são as principais bandeiras de manifestação de grupos à direita, que tem atentado contra a democracia. Eles querem o retorno de um passado mítico e seu espaço

¹ Uma versão inicial desse trabalho foi apresentada no V Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas, em abril de 2022.

² Doutorando em Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), membro e pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa Participação e Democracia (GEPPADE – FCLAr, UNESP) e do Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC – UNICAMP). E-mail: v.sturari@gmail.com

na sociedade de volta, pois dizem ter perdido esse espaço para minorias políticas como mulheres, imigrantes, pessoas LGBTQIA+, etc. Cusset (2018) cita alguns líderes de direita que possuem grande visibilidade na Europa hoje, como Viktor Orbán na Hungria e Marine Le Pen na França, dentre diversos outros que poderiam ser citados. O autor fala que, com a emergência desses líderes a agenda política dos países tem um giro radical, pois enquanto há 40 anos eles lutavam por direitos civis e um estado de bem estar social, hoje o mundo é liderado por mercados voláteis e multinacionais, por nacionalistas e religiosos, em uma agenda à direita, principalmente com a emergência de novos populismos.

O populismo contemporâneo tem características diferentes de suas manifestações no passado. “É preciso analisar o populismo contemporâneo como um complexo fenômeno político reativo às profundas transformações ocorridas na sociedade civil e no Estado nacional com a globalização econômica e política, a nova ordem mundial e a hegemonia cultural, econômica e política do neoliberalismo.” (ZUIN, 2021, p. 144). Para Tormey (2019), os estudos sobre populismo tiveram uma grande explosão depois do ano de 2016, com os dois marcantes eventos da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e do BREXIT, saída do Reino Unido da União Europeia.

Atrelado ao fenômeno do populismo contemporâneo as novas direitas ganharam espaço, se tornando *mainstream*, conforme apontam Brown, Mondon e Winter (2021), e formando uma rede transnacional como apontado por Cusset (2018). Essas forças que tem colocado em risco e atacado democracias mundo afora, não mais com golpes de Estado alavancados por militares, com armas e tanques, mas disputando e ganhando eleições e a atenção da opinião pública, atacando os sistemas de governo por dentro das próprias instituições (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

Esse trabalho trata sobre as transformações recentes da democracia, olhando para o Brasil. A emergência de novos grupos à direita, no que Singer (2021) trata como uma reativação da direita, tem colocado diversos desafios para os setores democráticos, principalmente durante o governo Bolsonaro. A atuação desses grupos visa a implementação de um projeto não tão afeito à democracia, mais voltado às elites e grupos conservadores. Nesse trabalho faço uma breve explanação das mudanças no cenário político brasileiro a partir de 2013, que possibilitou a emergência desses novos grupos, e apresento eles, abordando quem são e quais seus projetos.

Manifestações brasileiras e o giro à direita

Antes de apresentar os grupos e seus projetos é necessária uma breve retomada dos acontecimentos que propiciaram sua emergência: as massivas manifestações de rua entre os anos de 2013 e 2016 no Brasil, que seguiram uma onda de indignação global (BRINGEL e PLAYERS, 2015). Tal onda começou em 2011, com protestos na Tunísia, Egito, e outros países da região, na chamada Primavera Árabe (CASTELLS, 2013), passou pela Europa, com o exemplo da Praça dos Indignados na Espanha, pela América do Norte, com o Occupy em Wall Street, centro financeiro dos Estados Unidos, e passou pelo Brasil em 2013, com as manifestações que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho. Essas manifestações de junho também fazem parte de uma onda de protestos brasileiros que desde 2011 estava se formando, conforme mostram Tatagiba e Galvão (2019), e que alcançou seu pico em junho de 2013, momento que um novo ciclo de protestos se abre e assim permanece até 2016.

Organizados pelo Movimento Passe Livre (MPL), os primeiros atos em junho de 2013 aconteceram na cidade de São Paulo, capital do mesmo estado, com a principal demanda da diminuição da tarifa do transporte coletivo na cidade, que sofrera um aumento poucos dias antes. Tais manifestações contaram com poucos participantes, cerca de 2 a 6 mil (SINGER, 2013), pelo menos nos três primeiros atos, a partir do 4º o cenário muda completamente. O quarto ato foi marcado pela ação extremada da Polícia Militar sobre os manifestantes, que gerou comoção nacional e abriu a janela de possibilidades para que os atos se capilarizassem por diversas cidades do país, bem como para uma ampliação do número de participantes, demandas e cartazes (NOGUEIRA, 2013; ROMÃO, 2013; SINGER, 2013; SECCO, 2013). As manifestações diminuem em intensidade após a revogação do aumento da tarifa.

A ampliação de demandas e participantes, junto com a capilaridade que os protestos ganharam, amplia também a oportunidade para diversos grupos participarem dos atos e tomarem as rédeas da direção das ruas. Já no fim das Jornadas de Junho o repertório patriota estava presente, com manifestantes usando as cores da bandeira brasileira (ALONSO, 2017; ALONSO E MISCHÉ, 2017) e cartazes contra a corrupção, o que seria o principal repertório das manifestações dos anos seguintes.

No ano de 2014 a Operação Lava Jato, da Polícia Federal, toma conta dos noticiários brasileiros, trazendo à tona escândalos de corrupção dentro da estatal Petrobras. Nesse momento novos protestos são convocados e diversos grupos de direita

encontram a oportunidade para guiar a direção das ruas, dentre eles o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem Pra Rua (VPR). Essas manifestações, segundo Messenberg (2017) circulam ideias em três campos semânticos, com ideias força distintas em cada um, sendo: 1) Antipetismo: impeachment, corrupção, crise econômica, bolivarianismo; 2) Conservadorismo moral: Família tradicional, resgate da fé cristã, patriotismo, anticomunismo, combate à criminalidade, oposição às cotas raciais; e 3) Princípios neoliberais: Estado mínimo, eficiência do mercado (privatização), livre iniciativa (empreendedorismo), meritocracia, corte de políticas sociais. Tais campos e ideias força são o que guiam os atores aqui analisados, como veremos mais adiante.

A explosão de protestos em junho de 2013 abriu uma janela de oportunidades para a emergência de novos grupos de direita, que agora estão no poder no Brasil (Bolsonaro cresceu com essa onda, os líderes do MBL também foram eleitos para as instâncias Municipais, Estaduais e Nacionais do legislativo brasileiro, além de diversos outros políticos ligados ao projeto desses grupos e com discurso semelhante). Embora as manifestações não sejam causa única da crise em que estamos inseridos, visto o caráter multifacetado dessa crise, com diversas e complexas variáveis, elas contribuíram muito com o processo, conforme apontam Mendonça e Domingues (2022).

Atores e projetos de direita

Selecionei para apresentar aqui três movimentos de direita, dois fundados entre 2014 e 2015 e que participaram ativamente das manifestações pelo Impeachment de Dilma Rousseff, o Movimento Brasil Livre e o Vem Pra Rua, e um mais recente, chamado Brasil 200. Aqui apresento os três movimentos e suas pautas e bandeiras, que fazem parte de um projeto de direita que vem sendo implementado no Brasil pelo governo Bolsonaro.

O primeiro deles, MBL, surgiu no calor das manifestações com o encontro de alguns jovens que compartilhavam o mesmo ponto de vista, segundo relatam os fundadores Renan Santos e Kim Kataguiri no livro escrito por eles e que conta a história do movimento, chamado “Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL: a origem”, publicado em 2019. Segundo Renan Santos, ao falar de um ato contra, chamado pelo movimento “Basta”, o ato se deu em uma tarde bonita, em um fim de semana, com espírito cívico, diferente das manifestações do MPL que foram durante a

noite e em dias de semana. Renan relata ainda uma ligação entre a operação Lava Jato e as ruas, com uma relação umbilical criada a partir dos resultados desse protesto.

Pouco depois desse protesto ocorrem as eleições presidenciais de 2014, com a vitória de Dilma Rousseff por 51,6% dos votos. Essa vitória deixou alguns membros do grupo de amigos indignados e, segundo Kataguirí,

Alexandre era o mais decepcionado. E foi sua decepção que fundou o Movimento Brasil Livre. Por impulso, ele criou um evento no Facebook convocando a população para uma manifestação a ser realizada no dia 1º de novembro. O título: “Ou a Dilma cai, ou São Paulo para.” No dia seguinte, notamos que o engajamento para o ato era grotesco. Mais de 200 mil pessoas confirmadas em menos de um dia, e publicações feitas dentro da página evento alcançavam mais de mil likes em minutos. O que tinha sido só um gesto de voluntarismo poderia se tornar algo real. (KATAGUIRI e SANTOS, 2019)

E, seguindo Kataguirí, foi nessa manifestação que o movimento surgiria. O grupo decidiu tomar as rédeas para guiar a direção das ruas para não deixar que os atos fossem dispersos como as Jornadas de Junho, guiando as pautas e demandas da manifestação. O movimento atua principalmente através das redes sociais, e possui site e perfis nas principais redes sociais com milhares de seguidores. Além disso, possui dois grupos no Telegram, um em que apenas os administradores podem falar, que serve para recados e compartilhar as postagens das outras redes sociais, com imagens e memes, e outro grupo de discussões, em que todos os membros podem mandar mensagens.

As principais bandeiras do movimento, segundo seu site, são a promoção do liberalismo como filosofia para atuação do Estado, defesa da liberdade individual e propriedade privada e do Estado de direito. Além disso, os valores do movimento são: “Liberdade e responsabilidade; Paz e proteção a direitos individuais; Livre iniciativa e empreendedorismo; Incentivo ao trabalho e respeito à propriedade privada; Igualdade perante a lei e Democracia”, e na mesma página também constam os princípios do movimento, que aqui destaco alguns: “Autonomia do indivíduo e liberdade contratual; Livre iniciativa; Primazia do indivíduo e da sociedade sobre o Estado; Livre mercado; Respeito à propriedade privada; Eficiência; Inovação; Transparência; Estado de direito; Democracia representativa; Federalismo e Visão de longo prazo. Juntando seus valores e princípios, o grupo traz alguns exemplos de suas bandeiras, como: Redução e simplificação da carga tributária; Autonomia contratual para o trabalhador; Defesa da livre concorrência e livre iniciativa; Revogação do estatuto do desarmamento e o

reconhecimento do direito de autodefesa do cidadão; Fim dos monopólios estatais e privatização de empresas públicas e sociedades de economia mista; Fim de toda forma de discriminação oficial instituída por meio de cotas raciais ou de gênero”³.

O movimento atualmente tem três projetos, que são: 1) Academia MBL⁴; 2) Locomotiva SP⁵ e 3) Não vai ter golpe! O primeiro é uma iniciativa para a formação de lideranças políticas pelo Brasil, para que essas lideranças atuem e sejam eleitas. O projeto consiste, basicamente, na análise de personalidade dos candidatos, que a partir dos resultados serão direcionados para uma das três “casas”, que são: Alexandria (intelectuais); Atenas (comunicadores) e Esparta (líderes). A iniciativa visa capacitar os candidatos em questões teóricas e práticas em debates, gestão, liderança, marketing, história e filosofia política. Enquanto isso, o segundo projeto, o Locomotiva SP, é uma iniciativa dos líderes do movimento foram eleitos para mandatos de Vereador (Rubinho Nunes), Deputado Estadual (Arthur do Val) e Deputado Federal (Kim Kataguiri), em que eles ajudam a protocolar projetos de lei que ajudem economicamente os municípios do estado, e para isso eles vão até os municípios e conversam com os vereadores interessados no projeto. Por fim, o terceiro projeto é um documentário feito pelo movimento para combater o discurso de que o Impeachment foi golpe e está disponível na plataforma Prime Vídeo, da Amazon.

O segundo movimento, Vem Pra Rua, foi fundado por dois empresários, Rogerio Chequer e Colin Butterfield. Como são empresários, a atuação do grupo reflete suas atuações profissionais, desde a maneira de organização, com núcleos divididos hierarquicamente e organizados em instâncias regionais, estaduais e nacional e também um conselho gestor composto pelos principais nomes do movimento, até às bandeiras do movimento, como a luta contra a corrupção e um Estado desinchado e gerido por técnicos.

Os projetos em andamento são, segundo o site do movimento: 1) Luca contra a corrupção: o movimento atua fiscalizando as instâncias municipais, estaduais e nacional em busca de casos de corrupção; 2) Tchau queridos: monitoramento da atividade dos parlamentares; 3) Frente pela renovação: divulgação dos parlamentares alinhados aos ideais do grupo para que sejam reeleitos; 4) Mobilização nacional: investimento do grupo na gerência das redes sociais para que o movimento tenha visibilidade e continue

³ Disponível em <<https://mbl.org.br/valores-principios>>. Acesso em 14 de julho de 2022

⁴ Disponível em <<https://academia.mbl.org.br/>> Acesso em 14 de julho de 2022

⁵ Disponível em <<https://locomotivasp.com/>> Acesso em 14 de julho de 2022

sua atuação; 5) Advocacy: aqui o grupo promove diálogo entre congressistas e ministros para o combate à corrupção e pela criação e ampliação de políticas públicas e 6) Manifestações de rua: atuação mais visível do movimento, que ocorrem nos diversos níveis de governo e a depender das pautas e demandas do movimento.

O último movimento aqui apresentado, Brasil 200, é recente. Foi fundado em 2018 e recentemente deu origem a um instituto. O grupo reúne mais de 300 empresários em todo o Brasil, alguns deles nomes conhecidos e donos de empresas conhecidas, como Sebastião Bonfim, da Centauro; João Apolinário, da Polishop; Flávio Rocha, da Riachuelo, dentre outros diversos nomes. O site do instituto traz em sua aba “Quem somos”, a seguinte definição do grupo: “Formado por intelectuais, empresários, formadores de opinião e representantes da sociedade em geral promove valores e princípios que garantem uma sociedade mais justa para todos, uma economia de mercado liberal e um estado de direito com limites ação do governo.”⁶.

Os princípios do grupo estão em um destaque de seu perfil no Instagram, sendo eles:

- 1) **Menos Estado, menos corrupção.** Quanto mais dificuldades criadas, mais vendedores de facilidades. A corrupção é filha do Estado inchado e intervencionista.
- 2) **Mandato presidencial de cinco anos, sem reeleição.** Parlamentarismo com voto distrital. Fim do fundo partidário e subsídio estatal às campanhas.
- 3) **Voto eletrônico com comprovante em papel e auditoria externa.** Fim da caixa preta que é o sistema eleitoral atual.
- 4) **País rico é país empreendedor e livre.** Lutamos por um país com mais produtividade, mais empregos, menos impostos e regulações.
- 5) **Não há ordem pública sem judiciário eficiente e transparente,** sem polícia valorizada, equipada e treinada, sem leis que punam criminosos e protejam o cidadão de bem.
- 6) **Nenhum cidadão impedido ou incapaz de trabalhar pode ficar sem assistência,** todos os outros devem ter oportunidades de buscar seu desenvolvimento profissional e pessoal.
- 7) **Empreendedores e colaboradores não são inimigos,** eles cooperam pelo crescimento da nação. A justiça do trabalho deve ser extinta.
- 8) **A excessiva judicialização do Brasil,** fruto da ideologização radical das relações sociais, **tem que ser revista.** Menos paternalismo, mais liberdade.
- 9) **A desregulamentação e a competitividade, sem privilégios ou proteções,** deve permear todos os segmentos econômicos. Quanto mais opções para os consumidores, melhor.
- 10) **Proteção às crianças.** Escola sem partido e sem erotização precoce, respeitando o senso comum e as famílias.⁷

⁶ Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/>> Acesso em 14 de julho de 2022.

⁷ Disponível em <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17896724824142441/>> Acesso em 16 de mar. de 2022.

Os três movimentos atuam fortemente nas redes sociais, produzindo conteúdos políticos que analisam os acontecimentos recentes e também que promovam suas pautas e bandeiras, principalmente com imagens e memes para uma mais fácil circulação e rápida absorção do público ao conteúdo.

Considerações finais

Visando uma breve introdução à realidade política brasileira atual e as mudanças que ocorreram nos últimos anos dentro desse cenário, esse trabalho apresenta brevemente uma retomada sobre as manifestações da última década, que foram fator importante para o surgimento e emergência de novos grupos à direita. Como Mendonça e Domingues (2022) afirmam, embora essas manifestações não sejam a única causa da crise democrática em que nos encontramos, elas tiveram um importante papel nesse processo, para mim ao proporcionar espaço para que esses grupos tomassem as ruas e dominassem o debate público.

As pautas levantadas por esses grupos, junto com suas atuações, tem contribuído para um processo de desdemocratização em andamento no país, tanto de maneira institucional, com o desmantelamento do Estado brasileiro e de políticas sociais que foram importantes conquistas dos últimos anos, como para o acirramento da polarização política e do discurso de ódio, que contribui com o processo de desdemocratização de uma maneira mais ampla, se entendermos a democracia não apenas como a escolha de representantes, mas de uma gramática da vida social e de maneiras de interação.

Para entendermos o cenário em que estamos e como viemos parar aqui, bem como traçar estratégias de transformação e retomada democrática, entender esses grupos, suas bandeiras e atuação é fundamental. Ainda existem várias perguntas a serem respondidas e diversos caminhos de pesquisa possíveis sobre esse tema.

Referências

ALONSO, Angela. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. esp., p. 49-58, jun. 2017.

ALONSO, Angela; MISCHE, Ann. **Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests**. *Bulletin of Latin American Research*, Vol. 36, No. 2, p.144-159, 2017.

APPADURAI, Arjun. Fadiga da democracia. In: GEISELBERGER, Heinrich (Org.) **A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrenta-los**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019. p. 19-36.

BRINGEL, Breno.; PLEYERS, Geoffrey. “Junho de 2013... Dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil”. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, vol. 259, p. 4-17, 2015.

BROWN, Katy; MONDON, Aurelien e WINTER, Aaron. The far right, the mainstream and mainstreaming: towards a heuristic framework, *Journal of Political Ideologies*, 2021, p. 1-18.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CUSSET, François. **How the world swung to the right: fifty years of counterrevolutions**. South Pasadena, CA: Semiotext(e), 2018.

KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL: a origem**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LEVITSKY, Steve, ZIBLATT, Daniel. 2018. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino, DOMINGUES, Letícia Birchal. Protestos contemporâneos e a crise da democracia. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 37, p. 1-36, 2022.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro, 2017.

MOUNK, Yasha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As ruas e a democracia:** ensaios sobre o Brasil contemporâneo. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia.** Rio de Janeiro: Zarhar, 2020.

ROMÃO, Wagner de Melo. As manifestações de junho e os desafios à participação institucional. *Boletim de Análise Político-Institucional*, v.4, p.11-17, 2013.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim.** São Paulo: Todavia, 2018.

SECCO, L. As jornadas de junho. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades rebeldes:** passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, Carta Maior. 2013. p.71-78.

SINGER, André. Brasil, Junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos**, São Paulo, v.97, p.23-40, nov. 2013.

SINGER, André. A reativação da direita no Brasil. **Opinião Pública**, vol. 27, n. 3, p. 705-729, 2021.

TATAGIBA, Luciana, GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, Campinas, vol. 25, nº 1, jan. - abr., p. 63-96, 2019.

TORMEY, Simon. **Populism.** London: Oneworld Publications, 2019.

ZUIN, João Carlos Soares. A linguagem política na era digital: o populismo de Matteo Salvini na Itália. **Mediações**, Londrina, v. 26, n. 1, pp. 143-162, 2021.